

Permanência na Comunidade Cilo Bananal em Vitória do Xingu, Pará: um estudo a partir do lugar

José Antônio Herrera

Universidade Federal do Pará (UFPA) – Altamira, Pará, Brasil
e-mail: herrera@ufpa.br/herrera@pq.cnpq.br

Fernanda Oliveira Santos

Universidade Federal do Pará (UFPA) – Altamira, Pará, Brasil
e-mail: nandageo12@gmail.com

Maria Madalena de Aguiar Cavalcante

Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – Porto Velho, Rondônia, Brasil
e-mail: mada.geoplan@gmail.com

Resumo

Neste artigo discorre-se acerca da permanência de moradores da comunidade Cilo Bananal, do Município de Vitória do Xingu (PA). Trata-se de uma comunidade formada por nordestinos que vieram trabalhar nos seringais do Alto Xingu, e que tiveram acesso aos seus lotes por meio da ocupação de terras devolutas e doações. Em geral, os comunitários apresentam o sentimento de pertencimento ao seu lugar, mesmo não sendo mais essencialmente agrícola como no início de sua formação. A pesquisa se estabeleceu com o intuito de compreender a lógica de reprodução social do grupo e suas relações com o lugar de morada que os fazem permanecer na comunidade. A metodologia emprega técnicas de coleta de dados como questionários semiestruturados, observação in locus e entrevistas. Os resultados apontados na pesquisa indicam elementos importantes e que são fundamentais para permanência do grupo na comunidade Cilo Bananal, quais sejam: Religiosidade, relação de parentesco e vizinhança, amenidade. Essas conexões explicam em grande medida, os sentidos que os moradores dão à Comunidade. O espaço vivido é construído com base nas redes de solidariedade assim como a infraestrutura e serviços básicos que consolidam a vontade de permanecer.

Palavras-chave: Elemento de permanência; moradores; comunidade; lugar; pertencimento.

Staying in the Community Cilo Bananal in Vitória do Xingu, Pará: a study from the place

Abstract

This research aimed to understand the elements of permanence of rural residents in their community. For the development of this research, we take as an object of study a rural community in the municipality of Vitória do Xingu (PA) call Cilo Bananal. A community that was formed by Nordestinos came to work in the rubber plantations of Upper Xingu. Who had access to their plots through public land and by donations. The community study shows a strong sense of belonging to their place of abode, even if not more essentially agricultural as in the early days of its formation. The motivation for the research was established in order to understand social reproduction of the logic of the group and its relations with the dwelling place that make them stay in the community. The methodology employs data collection techniques such as semi-structured questionnaires, observation and interviews in locus. The results presented in the survey indicate important factors, which are fundamental to the group's stay in Cilo Bananal community, namely: religiosity, kinship and neighborhood amenity. These connections largely explain the way that residents give to live in the community and because I never left it. The

living space is built based on solidarity networks as well as infrastructure and basic services that consolidate the will to stay.

Keywords: Permanent element; residents; community; place; belonging.

Permanecer en el Cilo Bananal Comunidad en Vitória do Xingu, Pará: un estudio del lugar

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo comprender los elementos de la permanencia de la población rural en su comunidad. Para el desarrollo de esta investigación, se toma como objeto de estudio de una comunidad rural en el municipio de Vitória do Xingu, en Pará, llamada Cilo Bananal. Esta es una comunidad que se formó por Nordestinos que vino a trabajar en las plantaciones de caucho de Alto Xingú que tenían acceso a sus parcelas a través de terrenos públicos y por donaciones. El estudio de la comunidad muestra un fuerte sentido de pertenencia a su lugar de residencia, incluso si no más esencialmente agrícola como en los primeros días de su formación. La motivación para la investigación se estableció con el fin de comprender la reproducción social de la lógica del grupo y sus relaciones con la morada que hacer que se queden en la comunidad. La metodología emplea técnicas de recolección de datos, tales como cuestionarios semi-estructurados, observación y entrevistas en el locus. Los resultados presentados en la encuesta indican factores importantes que son fundamentales para la estancia del grupo en la comunidad Cilo Bananal, a saber: religiosidad, parentesco y equipamiento de barrio. Estas conexiones explican en gran medida la forma en que los residentes dan para vivir en la comunidad y porque nunca dejó. El espacio de vida se construye sobre la base de las redes de solidaridad, así como la infraestructura y los servicios básicos que consolidan la voluntad de quedarse.

Palabras-clave: Elementos permanentes; residentes; la comunidad; el lugar; que pertenece.

Introdução

O presente artigo resulta da pesquisa feita na Comunidade Cilo Bananal, no município de Vitória do Xingu (PA). A Comunidade em estudo está inserida num contexto de colonização típica das formações de povoamentos rurais na região da rodovia Transamazônica, que teve como impulso principal as políticas de colonização sobre a justificativa de integração territorial e segurança nacional, em um uso estratégico do espaço.

Dentro desse contexto, levas de imigrantes vindos principalmente nordeste brasileiro, se deslocaram atraídos por um possível espaço de reprodução. Esses fatos estão relacionados com a formação da comunidade Cilo Bananal, possíveis de serem notados a partir de 1950 com o segundo ciclo da borracha, onde Becker (2001, p.135) afirma que, “no caso da Amazônia, sua ocupação se fez em surtos devassadores ligados à valorização momentânea de produtos no mercado internacional”. A ocupação também está ligada, por conseguinte, com o desenvolvimento de grandes projetos, tendo como marco a construção da Transamazônica. Como relata Becker (2001, p.135), “a ocupação se fez invariavelmente e ainda hoje se faz a partir de iniciativas externas. Segunda, a importância da Geopolítica”.

A comunidade foi selecionada por apresentar dinâmica diferenciada em relação as demais que foram acompanhadas pelo Grupo de Estudo Desenvolvimento e Dinâmicas Territoriais (GEDTAM) durante o período 2011 a 2016. Inicialmente, a principal atividade econômica era exclusivamente pautada na agricultura, hoje, o que se constatou é o distanciamento da atividade que os fixaram no meio rural. O enfoque da pesquisa realizada foi diagnosticar as razões que corroboraram para permanência no local, mesmo estando desvinculados da agricultura.

Para chegar aos elementos de permanência foi necessário estudar a comunidade considerando sua composição por múltiplas dimensões, para isso foram delimitadas selecionadas as contribuições teórico-metodológicas, consideradas relevantes para o estudo, em destaque.

Contexto rural: O foco principal do trabalho é a análise do meio rural como lugar de morada e de trabalho, como destaca Brandão (2007, p.57), “o centro da vida vivida e pensada é uma quase sinuosa linha que passa pela natureza, de morar no lugar de trabalho”. Configurando um rural no qual não necessariamente está pautado na produção agrícola e com economia de base nos recursos naturais. O componente definidor, no entanto, é condicionado pela própria relação que os moradores estabelecem com a terra. Nesse sentido, Ponte (2004, p. 7) “analisa o rural como a constituição de um local de vida, com particularidades de modo de vida e referências identitárias, fazendo com que se construa um sentimento do local”.

Deste modo propõem-se, a partir do estudo de caso da comunidade Cilo Bananal, analisar a relação sujeito/lugar, verificando as principais as mudanças ocorridas nas estratégias de reprodução socioespacial da comunidade. Ao realizar a análise fez necessário um olhar do espaço rural, não somente como espaço por excelência da produção agrícola, mas como “espaço de vida” onde tem “gente” que faz escolhas entre o permanecer no campo, não precisando sair do campo para se consolidar como cidadão.

Espaço/lugar: Partiremos do entendimento do Espaço, enquanto objeto de estudo da Geografia, para chegar ao Lugar. Corrêa (1995b, p. 44) define o espaço como “Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismos e campo de lutas”. Espaço, possui vários significados, no entanto, pretende-se trabalhar com o mesmo no sentido de “constituído como um mosaico de lugares especiais, cada qual estampado pela vontade, valor e memória humana” (BUTTIMER, 1985, p. 177). Nesta perspectiva, o mote do trabalho está no espaço vivido, sendo que este ganha o contorno de “Lugar” à medida que vai estabelecendo valores resultante da relação dos moradores com o próprio espaço.

A opção por centralizar o debate na categoria Lugar, justifica-se pelo reconhecimento e valorização da percepção do morador no seu cotidiano. Necessário destacar que a escolha da categoria foi justamente os elementos presentes dentro do conceito que nos auxiliará na construção da interpretação dos resultados, os quais são: leitura dos lugares por meio da subjetividade do homem comum, valorização dos sentimentos humanos e de suas experiências com seus locais de vida, a relação sujeito-lugar, desvendado um mundo vivido, construído sob as experiências e sob os fundamentos simbólicos do lugar.

Produção Agropecuária Familiar: O termo agricultura familiar, nos remete a vários modos de produzir na agricultura, é por isso que existe uma densidade conceitual muito abrangente relacionada a categoria pela infinidade de situações particulares de produzir no Brasil e na Amazônia. Sobre a generalidade de interpretações relacionado ao termo agricultura familiar, Wanderley (1996, p. 2) relata que “na realidade, a expressão seria ‘um conceito genérico’, que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares”. Parafrazeando Herrera (2012), ao tentar adaptar os conceitos, agricultura familiar e camponesa, à realidade de produção da Amazônia que apresenta uma diversidade nos seus modos de produzir no campo, por exemplo: ribeirinhos, quebradeiras de coco, seringueiros, quilombolas, indígena, etc. Os conceitos instituídos não abarcariam a demanda das especificidades.

Tendo em vista os questionamentos feitos por Herrera (2012), destaca-se a ressalva que faz sobre a necessidade de pensar a condição da produção familiar na Amazônia para além dos conceitos clássicos estabelecidos, isso por considerar que há uma diversidade de dinâmicas produtivas na Amazônia.

Notadamente, facilitaria a pesquisa se adotado um ou outro conceito (camponês ou Agricultor Familiar) para fundamentá-la, mais diferente disso a proposição foi adotar a expressão, Produção Agropecuária Familiar- PAF, para tratar a unidade de diversidade, salientando que as situações são as mais diversas, tendo deste a produção familiar pautada em costumes e hábitos tradicionais até as que mantêm o núcleo familiar como gestor e executor das atividades com a interferência direta do capital, tornando uma produção consolidada do ponto de vista capitalista (HERRERA 2012, p. 110).

Destaca-se que os conceitos estabelecidos não abarcariam a diversidade percebida na Amazônia, que vai desde um agricultor camponês até um agricultor familiar mais integrado ao mercado, como rotineiramente acostuma-se acessar nos debates sobre o rural brasileiro. Não que se tenha, aqui, a negação de um ou outro conceito. Na verdade, existe a tentativa de aproximação destes com a realidade amazônica estuda. Por isso, levou em consideração o que Herrera (2012, p. 109) destaca, “estabelecer como ponto focal as interpretações dos produtores que se agrupam pela prática centrada na dinâmica familiar”, permitindo assim uma certa transitoriedade entre os conceitos no estudo da comunidade Cilo Bananal.

Metodologicamente, iniciou esse ensaio com análise bibliográfica numa perspectiva fenomenológica, e observações gerais na comunidade, com o intuito de perceber as relações estabelecidas na comunidade que emerge no lugar. A percepção dos indivíduos e suas histórias está estritamente ligada às suas experiências e seus desejos, são esses atributos que dão significados a partir da vivência que cada um tem com seu lugar. O que faz um espaço se tornar lugar é o próprio significado que as pessoas atribuem a ele. Nesse sentido Tuan (1975, p. 128) diz que, “é a experiência, individual ou coletiva, que toma os lugares visíveis”. Na mesma linha Holzer (1999, p. 23) afirma, “o lugar tem uma personalidade e um sentido”.

Considerando que na existência há a busca pelos melhores lugares para viver, nossas experiências acontecem no lugar, nosso mundo começa no nosso lugar, lugar esse das brincadeiras, dos primeiros amores, das relações de vizinhança e amizades, as quais proporcionam o sustento através do trabalho. Tuan (1980, p.130) destaca que “as pessoas sonham com os lugares ideais”. No decorrer do trabalho, pensaremos os sujeitos, não como meros fornecedores de informações, mas como construtores do lugar, sujeitos participativos, pois seus anseios entre o permanecer e o sair dos seus lugares são a principal fonte de interpretação das reflexões. Com essa compreensão foi realizado as entrevistas semiestruturadas com intuito de estabelecer a análise socioespacial, capitando dados quantitativos e qualitativos importantes para elaboração deste texto.

Procedimentos metodológicos

O método utilizado na pesquisa é o fenomenológico, pautado no estudo da percepção, envolvimento de significado, portanto, o estudo da essência, manifestado na consciência do ser (HUSSERL, 1986). De maneira que primou pela concepção individual sobre o lugar natural, seu ponto de referência inicial deu início às suas primeiras experiências.

O lugar nos princípios da fenomenologia é definido como o lugar da existência, vivenciado e com significação atribuídos pelos seus sujeitos, existindo um desenrolar histórico entre ambos. Para Buttimer (1982, p. 176), “é a relação da pessoa e o mundo. A pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e mundo estão engajados nos processos e padrões observáveis no comportamento evidente”. O que vem interessando até hoje com relação à abordagem fenomenológica referente ao estudo do lugar é justamente esse envolvimento com tudo que é humano, tudo que é subjetivo.

Sobre a aplicação da fenomenologia na geografia e principalmente no estudo do lugar, Relph destaca que:

Se puder ser bem utilizada em geografia, se puder ser combinada com as atitudes do humanismo, acredito que ela terá a oferecer interpretações de

experiências geográficas é sensíveis recomendações para construção de ambientes e lugares (RELPH,1977, P.179).

Dessa forma, a aplicação do método fenomenológico só é interessante “na medida que é fundada sobre a compreensão das impressões e das atitudes humanas” (GOMES, 1996, P.327). A valorização do mundo das experiências é a principal contribuição da fenomenologia no estudo do lugar, aqui a Comunidade Cilo Bananal.

A fundamentação está nos textos que abordam a família e o trabalho na agricultura, assim como relações com os lugares de morada, amparado a partir das contribuições de estudo de outras comunidades como fez Dantas (2011), Heredia (1979), Woortmann (1997), Garcia Junior (1983), Herrera (2012), assim como o envolvimento dos moradores rurais com seus lugares como mostra o estudo de Tuan (1980; 1983), Oliveira (2014) e Relph (1979).

O mote está em entender o cotidiano das pessoas que vivem na comunidade, identificando os pioneiros (pessoas que residem na comunidade desde a sua formação), que participaram de todo o processo de formação. Foram selecionados cinco pioneiros que relataram sobre a formação socioespacial da comunidade, contribuindo para compreensão acerca de como a mesma foi se organizando durante sua formação, sendo identificados três grupos: a) agricultores; b) moradores não mais agricultores e c) moradores que nunca trabalharam na agricultura.

Foram realizadas vinte (20) entrevistas do universo de trinta e seis (36) domicílios existentes no núcleo comunitário, sendo essas distribuídas pela representação dos três (03) grupos identificados, assim foram feitas: nove (09) entrevistas com moradores que constituíam o grupo (a) agricultores; sete (07) com moradores não mais agricultores e; quatro (04) entrevistas com os moradores que nunca trabalharam na agricultura. Ressaltando que as entrevistas foram feitas com suporte de um formulário composto por questões objetivas e subjetivas.

Para Minayo e Sanches (1993) a pesquisa quantitativa tem como finalidade trazer à luz fatos, indicadores e tendências observáveis. Já as gravações das narrativas serviram como subsidio para percepção da subjetividade, contribuindo para análise qualitativa, a qual segundo Alves (2011, p.18) possibilita perceber “[...] os valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade dos fatos e processos particulares e específicos de grupos ou indivíduos”.

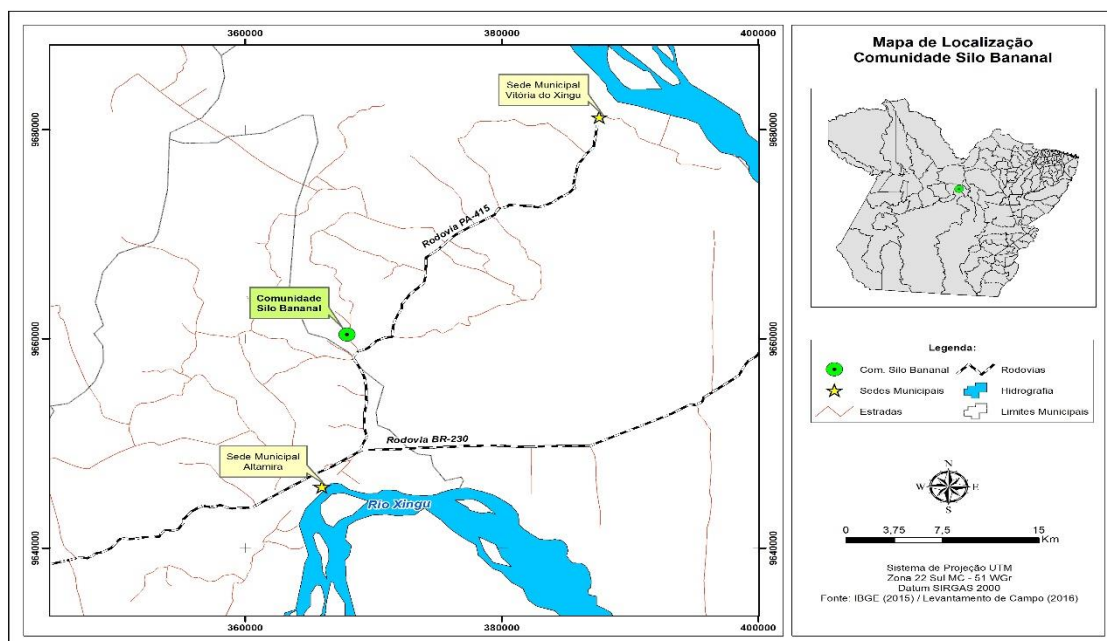
É interessante ressaltar que a pesquisa foi feita com os moradores que mantém relação direta com a vila ou participaram da sua formação, mesmo morando nos lotes, sentem-se parte da comunidade, dependente dos seus serviços prestados no núcleo da vila. A questão central está em verificar os motivos que levaram os moradores permanecerem na comunidade, apesar das possibilidades de saírem em função do aporte do empreendimento

Belo Monte no território, sendo provocados a mobilidade em função postos de trabalhos e/ou indenizações.

Área de estudo: elementos da formação socioespacial

A pequena comunidade conhecida como Cilo Bananal está localizada 2km da rodovia PA 415, que liga Altamira ao município de Vitória do Xingu, aproximadamente 16km da cidade de Altamira e 30 km de Vitória do Xingu no Pará, como pode ser observado no Mapa 1.

Mapa 1: Localização da comunidade Cilo Bananal.



Fonte: Pesquisa de Campo (2016).

A ocupação da comunidade tem início no ano de 1965, realizada por nordestinos exclusivamente da cidade de Martinópolis (CE). Os ocupantes da localidade vieram fugindo da seca que afetou o Ceará em 1958, como consta no Caderno de Desenvolvimento Celso Furtado (2011, p. 23), “Em 1958, o Nordeste é atingido por mais uma grande seca, não menos severa. Por esta razão, em 1959 os governadores recém-eleitos no Nordeste assumiam um discurso desenvolvimentista a Juscelino Kubitschek, ao mesmo tempo em que formavam um coro sobre o abandono da região pelo governo federal”.

Diante das dificuldades enfrentadas pela seca, muitos nordestinos aceitaram a proposta do governo federal em migrar para a Amazônia como relata um desses migrantes, pioneiro na ocupação da vila.

Sou natural do Ceará, da cidade de Martinópolis, o que me fez sai de lá, foi um momento da vida do ser humano, que foi difícil e o Nordeste sempre passou por momentos de crise por causa da seca, aí foi o tempo de 1958,

esse ano foi um momento difícil para muitas pessoas. Ai em 1959 o governo abriu passagem para muitos nordestinos sai, aí foi o momento que eu saí do Ceará em janeiro de 1959 (Morador pioneiro, C.E).

Os moradores mais antigos (pioneiros) afirmam que a comunidade foi iniciada com oito famílias que saíram do Ceará fugindo da seca para trabalharem principalmente nos seringais do Alto Xingu. Sobre a saída dos nordestinos e seu trabalho nos seringais, Carvalho (2005.p. 95) diz que, “foi uma grave seca, nordestinos que procuraram sua sobrevivência na Amazônia, região imune, por suas águas, ao flagelo. Muitos deles foram se escravizar no duro serviço dos seringais”.

Em 1965, com o declínio da exportação da borracha para o mercado internacional, muitos seringueiros abandonaram a atividade e é nesse momento que começa a se formar a comunidade. Sublinha-se, então que a comunidade hoje denominada e reconhecida como Cilo Bananal, originou-se conforme as histórias contadas pelos moradores do lugar, por um senhor chamado José Cardoso de Lima que veio junto com as oito famílias para o Alto Xingu. Como era o mais “letrado” e o mais “intendido” dentre o grupo se destacou e foi exercer atividades que não estavam relacionadas com a extração da borracha.

José Cardoso conseguiu com o tempo juntar dinheiro e comprou um lote onde hoje é a comunidade. Conforme as famílias que vieram com ele do Ceará iam saindo do seringal e essas não tinham perspectiva de retorno para suas terras de origem, ele as convidava para morarem nesse lote e doava um pedaço de terra para construírem suas casas.

Sobre esses aspectos, nota-se na fala de um desses moradores que recebeu a terra para construção de sua casa:

Seu Cardoso veio com a gente em 1958, mais de todas as oito famílias que vieram trabalhar no seringal aqui no Alto Xingu, ele era o mais letrado, era esperto e sabido, nunca cortou borracha e foi logo de amizade com o dono dos seringais. Ele virou regatão¹, ganhou dinheiro e depois saiu do seringal, comprou esse pedaço de terra que hoje é a vila e conforme não deu mais na borracha lá no Alto ele chamava para o Bananal e doava um pedaço de chão para as pessoas que vinham para cá. (Moradora da comunidade E.C).

Assim, as famílias que saíam dos seringais iam para a comunidade onde recebiam a doação de um pedaço de terra, estabeleciam e demarcavam seu próprio lote na área aos fundos da comunidade que se formava, para eles as terras eram consideradas devolutas. Cada família “tirou”, demarcou, sua porção de terra. O que para eles ficou conhecidas como terras devolutas, Carvalho (2005) definiu na literatura como terras livres, pois a:

existência de uma fronteira agrícola, no interior do país, foi a condição que permitiu a estes camponeses garantir a autonomia do seu modo de vida, especialmente, pelo fato da existência de terras livres, acessíveis através do sistema de posses. Conquista um novo território, no qual se instala com seu

¹Termo que significa: aquele que compra por atacado para vender a retalho. (Dicionário Online em Português)

grupo familiar e tenta construir um espaço camponês de vida e de trabalho. (CARVALHO, 2005, p. 41-42).

Uma vez instalados, muitos ficaram na vila que era o local de residência e iam para seus lotes produzir, sendo a área dos lotes chamada de centro que é o local de produção, por estar mais ao centro da floresta, distanciando da rodovia. Outros moravam e produziam em seus próprios lotes. Com relação a esse momento de chegada e posse da terra, os moradores relatam:

De início aqui parecia uma aldeia, um monte de casinha com um único terreiro grande onde as pessoas se reunia para capinar. (Moradora da comunidade, E.C)

Chegando aqui no Bananal, era mais ou menos assim, você chegava e dizia daqui até aqui e meu, era assim, eram terras devolutas. Mais hoje é tudo regularizado. (Morador da comunidade, E.N)

Ao tirarem seus lotes começaram a trabalhar na agricultura, cada um na sua terra. A produção predominante era/é a agricultura branca, como o arroz, feijão, mandioca e o milho. Com relação aos cultivos citados Heredia (1979) diz que:

Dentro do roçado predominam a mandioca, o milho e o feijão, culturas que nós costumamos caracterizar como de "subsistência", pois se trata de produtos que são consumidos pelos próprios produtores. Estes produtos provenientes do roçado, ou porque são consumidos diretamente ou pelo dinheiro obtido com a sua venda, são os responsáveis pela subsistência familiar, isto é, pela provisão dos bens necessários à reprodução física e social das famílias desses pequenos produtores (HEREDIA, 1979, p. 8).

Segundo relatos, José Cardoso de Lima, morador que importante no que diz respeito a memória e as histórias contadas pelos atuais moradores, ao acolher os amigos nordestinos que vieram com ele trabalhar nos seringais do Alto Xingu em seu lote, fazendo doações de pequenos pedaços de terra, preocupou-se também em fortalecer os laços da nova comunidade em formação. Com isso instalou uma igreja, sem vínculo com outras denominações já existente e também fundou uma pequena escola na qual o mesmo lecionava. Moradores da época dizem que:

O sonho dele era formar uma cidade, uma agrovila com o povo dele, e de certa parte acho que realizou o sonho dele pois hoje somos comunidade. Logo após ele fez a igreja para que todos que morassem aqui fossem batizados e casados, essa igreja era independente, não tinha vínculo com nenhuma denominação, por motivos de ausências do seu José Cardoso devido algumas viagens para o Alto a igreja criou vínculo com a Assembleia de Deus, o que não foi bem visto por ele, pois queria formar uma denominação sem vínculo com as tradicionais. Mais a igreja fortaleceu os vínculos, nos finais de semana todos saiam do centro e vinham para a vila se reunir nos cultos e confraternizar, foi um ponto importante para a formação e fortalecimento da comunidade. Depois ele foi professor porque acreditava que o saber tinha que ser distribuído. (Pioneiro da comunidade E. C).

Conforme os relatos, a igreja e a escola foram importantes para o processo de formação da comunidade. Considerados pontos de referência e de recordações dos seus moradores.

Nesse sentido, conhecer a formação socioespacial contribuiu para interpretações e conclusões, as quais apontam diferenças entre a comunidade Cilo Bananal e as demais comunidades do seu entorno, principalmente o interesse de seus comunitários em permanecerem na comunidade enquanto os demais buscavam mecanismos para se deslocarem em função do empreendimento hidrelétrico no território. Afinal, segundo Chaveiro (2014, p.251), “conhecer é aprender a densidade histórica de um tema na relação que possui com a sociedade da qual é parte; conhecer e aprender um fenômeno concretizado no espaço no qual estar determinado”.

Caracterização da comunidade

A comunidade Cilo Bananal está localizada entre as coordenadas 030 04' 18.6" S, e 0520 11' 18.9" W, fazendo parte da área rural do município de Vitória do Xingu. Apesar de ser município de Vitória do Xingu, os moradores da comunidade, devido a proximidade, estabeleceram e ainda estabelecem a relação de dependência com o centro urbano da cidade de Altamira.

Não existem registros, sobre a comunidade, nas prefeituras de Altamira e Vitória do Xingu, que façam referência a formação ou aspectos históricos, nem mesmo, quanto ao contingente de pessoas que moram efetivamente na localidade. Foram encontrados apenas os tramites recentes, referentes as obras atuais em função das condicionantes geradas pelo empreendimento hidrelétrico Belo Monte. Devido as dificuldades encontradas na obtenção das informações oficiais sobre a vila, optou-se por entrevistar o coordenador do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em Altamira. Com relação a comunidade e seus aspectos o coordenador Douglas Gomes de Oliveira diz que:

Bom, em primeiro lugar a Transamazônica é colonização, então a primeira estratégia das famílias quando vieram para essa região foi tentar se agrupar. A primeira forma que a gente identifica claramente como forma de agrupamento são os aglomerados familiares, você tem os primos, os tios, os pais, os irmãos, então as primeiras relações são de parentesco. Depois os filhos começam a casar e a construir suas casas, a região passa a ser convidativa, outras famílias começam a chegar na localidade, passam a morar. Então no eixo da transamazônica houve muito isso, pequenas aglomerações que depois se tornaram grandes. Se você for perguntar você vai perceber que existe uma relação de parentesco muito grande entre eles e que juntos fazem suas atividades em forma de mutirão, com colheitas, plantios, um modelo bem camponês. A comunidade Bananal ainda é voltada a agricultura e a pecuária, mais é rodeada por fazendas onde a pecuária prevaleceu, os pequenos proprietários foram vendendo seus lotes e os fazendeiros foram comprando e fortalecendo a pecuária na região. Para a

gente considerar vila em relação a uma localidade rural tem que ter mais de 51 domicílios ocupados naquela localidade para ser separado como um setor a parte, tendo um código e um tratamento diferente como vila, se tiver mais de 51 casas ocupadas, passa a ser uma vila contada em separado da área rural. O Bananal existe uma vila, (chamamos de vila de forma não oficial mais levando em consideração a percepção do morador que considera a localidade como vila). Ela estar dentro de uma área rural maior, mais ela não é contada em separado, ela é uma vila identificada, nós do IBGE identificamos a vila, mas para o IBGE para ser considerado como setor censitário em separado tem que ter no mínimo 51 domicílio ocupados e o Bananal não tem. (Douglas Gomes de Oliveira, coordenador do IBGE em Altamira/PA)

A comunidade Bananal tem 36 domicílios ocupados e mais um ramal onde moram alguns produtores que mantem ligação direta com a vila, a mesma tem um contingente populacional de aproximadamente 130 pessoas. A vila está situada em uma área circundada por fazendas e com atividade predominante a pecuária. Como observado na figura 1:

Figura 1: Imagem da comunidade Cilo Bananal



Fonte: Isaias Oliveira, 2011.

Os principais produtos da comunidade são: a farinha, criação de animais (Porcos e Galinhas) e frutas e verduras, sendo a farinha de mandioca o produto de maior importância desde sua formação até os dias atuais. As atividades agrícolas são realizadas nas áreas dos lotes que ficam nos travessões. Sobre a produção de farinha de mandioca em comunidades rurais na Amazônia, Woortmann (1997) relata que:

O beneficiamento da farinha pelas famílias, caracterizou mais uma atividade reguladora dos sistemas de produção familiar na Amazônia, primeiro por

estar naturalmente na base alimentar das pessoas e segundo por ser um produto que pode ser produzido o ano inteiro. (WOORTMANN,1997. p, 238).

Em concordância com o exposto pela autora, os agricultores também afirmam ter a atividade como reguladora de seus sistemas. Para eles a mandioca é de fácil manuseio e adaptável em quase todos tipos de solos, além de ser a base da alimentação da própria unidade de produção. A seguir, na figura 2, é possível verificar o modelo das tradicionais farinheiras da comunidade.

Figura 2: Casa de produção de farinha



Fonte: Acervo GEDTAM (2016)

A comunidade, nos últimos anos, vem ganhando contornos e características mais modernas em função do atendimento das condicionantes geradas pela implantação da Hidrelétrica no município de Vitoria do Xingu. Não deixando suas características históricas, nota-se a constante reorganização espacial na comunidade, de modo que concilia o tradicionalismo do rural amazônico com estruturas tecnológicas, tornando um atrativo para permanência das famílias no seu lugar.

Após a intervenção da Prefeitura Municipal de Vitoria do Xingu em parceria com a Norte Energia no ano de 2015, a comunidade conta com uma escola de ensino fundamental e um posto de saúde com atendimento médico, além das igrejas (Assembleia de Deus e Só o Senhor e Deus), um campo de futebol e uma praça. Na figura 3 é possível observar a nova configuração espacial da comunidade. Ao comparar a imagem da figura 3 com a apresentada na figura 1 é possível visualizar as conquistas feitas pela comunidade ao ter reivindicado

melhorias para comunidade, melhorias essas que contribuíram significativamente para decisão tomada pela maioria das famílias de permanecerem na comunidade.

Figura 3: Comunidade Cilo Bananal após reforma em 2015



Fonte: Rosimeire, 2015.

Os moradores da comunidade Cilo Bananal relatam que a escola, a igreja, o campo de futebol e o posto de saúde foram todos construídos por eles, em regime de mutirão, depois que a estrutura estava pronta é que acionaram a prefeitura para arcar com o funcionamento e aparelhamento, processo registrado na fala de um morador:

Tudo isso aqui foi nos que construímos, um ajudava daqui outro dali quando a gente ia ver estava feito. Só em 2015 que a prefeitura veio e reformou tudo, mais se hoje tem foi porque a gente fez. (Morador da Comunidade, I.O)

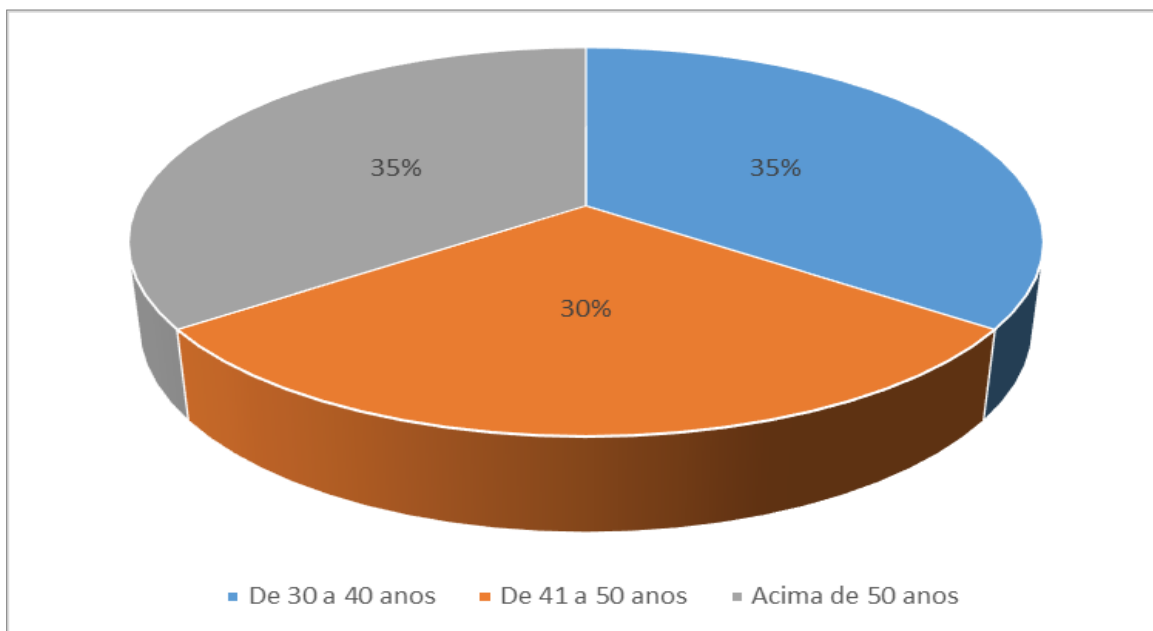
Sendo assim, a relação dos moradores vai além de uma clientela, eles se consideram construtores dos serviços básicos, outrossim, produzem o espaço, bem como os adaptam as suas necessidades.

Características da população Cilo Bananal

Os moradores da comunidade Cilo Bananal residem há muitos anos na localidade, muitos nasceram ou vieram pequenos com seus pais. Conforme mostra o gráfico o grupo que mora de 30 a 40 anos são os naturais da área de estudo, representam 35% do total dos

entrevistados. Os de 41 a 50 anos são moradores que vieram ainda crianças com seus pais, representam 30% e os que estão acima de 50 anos morando na comunidade são aqueles que participaram do processo inicial de formação da comunidade, esse grupo representa 35% dos entrevistados, ver gráfico 1.

Gráfico1: Anos de moradia na comunidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nota: Dados de 20 questionários aplicados.

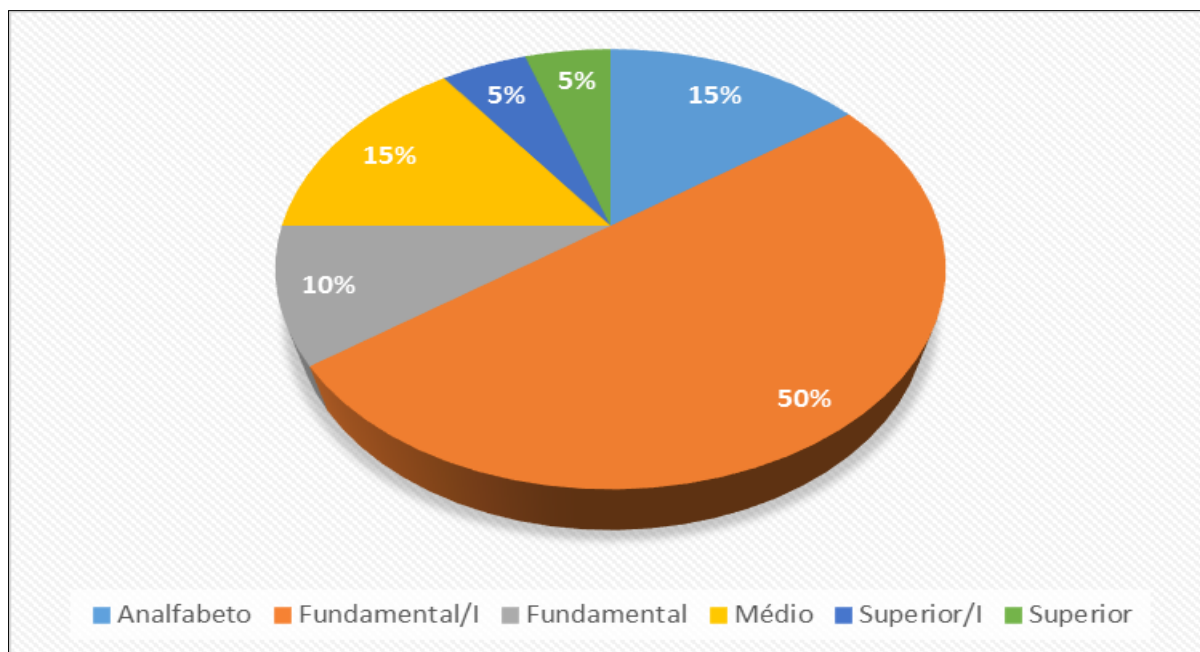
Podemos perceber que a permanência por longos anos na comunidade construiu a identidade do grupo em estudo. Sobre o tempo de vivência nas localidades rurais, Herrera (2012, p. 134) relata que “Localidade (a vila), os lotes, forma um sistema que não é algo dado, mais um complexo construído ao longo da vivência da família”. Tendo como base a história e as redes de parentesco existentes no lugar, construídas durante anos.

Quanto ao estado civil, verificou-se que 80% dos entrevistados são casados, 10% são viúvos e os demais são solteiros (5%) ou divorciados (5%). Destaca-se essa situação por concordar com a Woortmann (1995, p. 157), para quem o “[...] casamento não é uma simples questão de escolha individual; a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mais duas famílias que entram em acordo, trata-se de um *affaire de famille*”.

Como destaca a autora, os casamentos em comunidades rurais estão, em sua maioria, atrelados a herança, ao repasse das terras ou das casas, a preferência e que os indivíduos se casem com membros da própria comunidade, numa espécie de acordo, assim se evita a fragmentação do patrimônio construído, essa realidade é bem comum a comunidade Cilo Bananal.

Quanto o grau de escolaridade dos residentes, observa-se na sua maioria apenas o fundamental incompleto tendo uma representatividade de 50%, apresentado no gráfico 2. Os moradores nessa condição são os sujeitos mais velhos da comunidade que, segundo eles, não tiveram oportunidade para estudar devido ao trabalho na roça, segundo eles quando criança tinham que ajudar os pais, quando adultos tinham que trabalhar para sustentar a própria família.

Gráfico 2: Grau de escolaridade dos residentes.

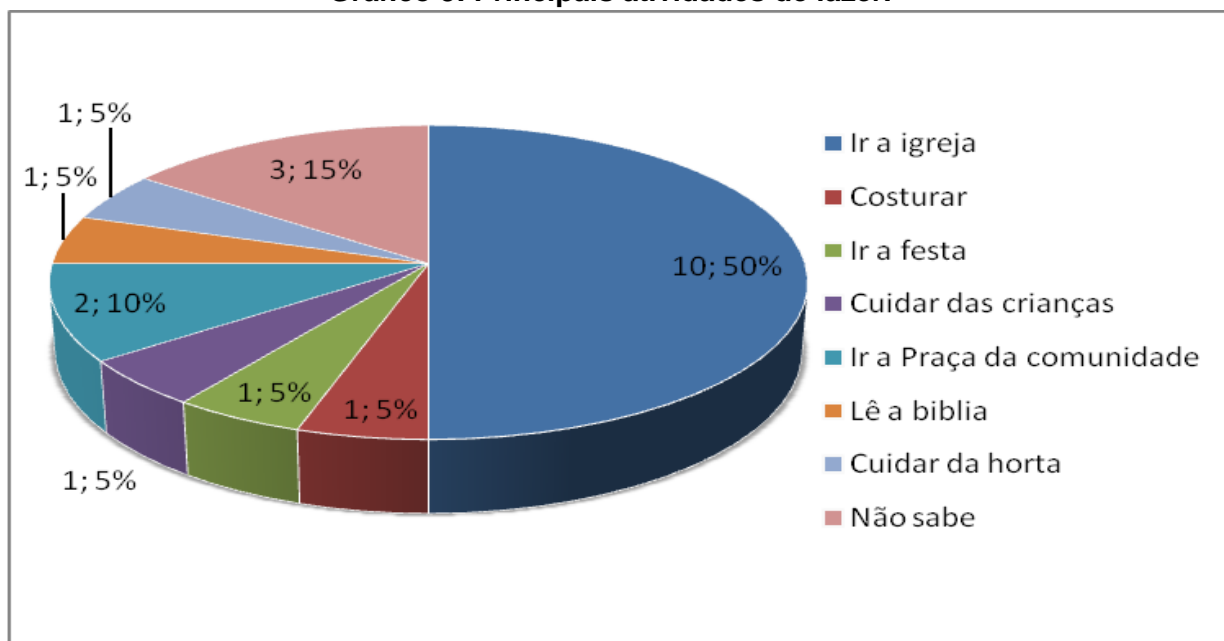


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nota: Dados de 20 questionários aplicados

Quanto as principais atividades de lazer, ir à igreja foi a mais relatada, com 50% de representatividade, isso demonstra, no gráfico 3, a forte ligação religiosa da comunidade. A igreja foi importante dentro do processo de formação, atualmente constitui o principal ponto de encontro e sociabilidade. A religiosidade em grupos rurais como Relata Santos (2009) expressa a construção da identidade e direcionamentos de comportamentos nas comunidades, funciona como um guia da consciência, de si mesmo e do próximo.

Gráfico 3: Principais atividades de lazer.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nota: Dados de 20 questionários aplicados

As demais atividades, apontadas pelos moradores, também acontecem na própria comunidade, como; ir à praça, cuidar das criações, cuidar da horta, costurar, lê a bíblia. A exceção é ir as festas, registrando a representação de 1,5% de moradores que saem da vila algumas vezes ao longo do ano para participarem de festas.

De acordo os moradores, apesar de ter acontecido a redução das atividades realizadas na agricultura, essa ainda é a principal fonte de renda da comunidade Cilo Bananal, com uma representatividade de 45%, isso porque no passado a comunidade era na sua totalidade agrícola, produziam para o consumo e vendiam o excedente nas feiras em Altamira/PA. Esse excedente servia para a compra de produtos que a família não produzia, como destaca um agricultor da comunidade.

A gente plantava de tudo, era para comer e para vender, [...] a gente vendia na feira, meu marido saia daqui sabe que horas? 2h da madrugada, para pegar um carro que vinha de Vitória, aí lá tudo que levava vendia, o feijão a farinha. Com o dinheiro da feira a gente comprava o que não tinha aqui, o óleo o açúcar. A carne que a gente comia era de caça (Agricultora da comunidade, D.C)

Todos os membros da família trabalhavam na roça, principalmente na produção da farinha de mandioca, que objetivava a venda de parte da produção, as demais atividades como: frutas, feijão e o milho eram e ainda é para o consumo familiar e/ou para as criações como porcos e galinhas.

Sobre a agricultura de base familiar Carvalho (2005, p. 18) diz que, “[...] família é o suporte da produção, cujo objetivo nada mais é que o de garantir a própria existência”.

Atualmente os agricultores da comunidade Cilo Bananal mantem essa mesma estrutura citada por Carvalho, empregam a mão de obra familiar, tendo a farinha ainda como principal produto e vendendo o excedente nas feiras em Altamira/PA.

As demais ocupações registradas em entrevistas, como: vigia, servente, agente administrativo e zelador, todas são realizadas no espaço da própria vila, apenas no caso do professor tem sua função realizadas fora da comunidade, pois atua em uma escola na cidade de Altamira. Entre as famílias, 88% das entrevistas, trabalham na própria comunidade, percentual significativo para manutenção da comunidade rural, tendo em vista que não precisam sair para trabalhar, evitando um movimento pendular, conseqüentemente o êxodo rural.

Deste modo, os indicadores socioeconômicos (renda, escolaridade, estrutura da comunidade, serviços prestados, formas de lazer, etc.) que apresentamos, servem para expressar o grau de intensidade e comprometimento das relações de sociabilidade e de uma história de comunhão na Cilo Bananal, dando significado à formação da identidade do lugar.

E por que permanecer?

Para responder essa pergunta foi necessário realizar um diagnóstico qualitativo, interpretação individual e coletiva, considerando que o viver em comunidade é viver entre comuns. Evidenciou-se entre famílias pesquisadas que os argumentos mais frequentes quanto ao permanecer na vila estão vinculadas as amenidades relacionados a tranquilidade e ao sossego, a religiosidade e a relação de parentesco e vizinhança.

Com relação às amenidades nos ambientes rurais quais sejam a tranquilidade e o sossego, Veiga (2002, p. 33) diz que, “o espaço rural tende a ser cada vez mais valorizado por tudo o que ele opõe ao artificialismo das cidades: paisagens silvestres ou cultivadas, água limpa, ar puro e silêncio”. Essa valorização do natural em oposição ao artificialismo da cidade como relatada pelo autor, foi encontrado na Cilo Bananal a medida que os moradores mencionam ter uma vida de paz, sem barulho torna a vida na vila mais agradável. Com relação às amenidades apresentadas, podemos notar nas falas dos três grupos estudados, conforme fragmentos abaixo.

Viver na colônia e diferente da cidade, não maltratando a cidade até por que precisamos falar que a cidade também tem sua importância. Mais na roça o lugar é mais sossegado (Agricultor residente na comunidade, C. E).

Fico aqui mesmo não sendo mais agricultor por causa da calma. (Ex agricultor residente na comunidade. I. O).

Aqui o clima é mais agradável e melhor para se viver (Residente na comunidade que nunca trabalhou na agricultura R. O).

É notório que as amenidades são um ponto importante, a afabilidade do lugar contribui para o permanecer na comunidade.

A religiosidade é outro ponto comum entre seus moradores, parte expressiva dos moradores são evangélicos. A igreja serve como local de sociabilidade e de regulação do comportamento dos residentes, viver na comunidade e ficar perto da fé. Segundo Naves e Mendes (2015, p. 18).

A religiosidade influencia o cotidiano dos moradores do meio rural é de grande importância, visto que eles estabelecem uma espécie de código de conduta, permeados pela ideia da obrigação para com a religião.

Conforme a fala dos autores a religiosidade na comunidade Cilo Bananal está presente no cotidiano como condutora da justiça e da verdade. Participar das programações da igreja é colocada como a principal atividade de lazer, marca fundante do lugar que dá identidade ao grupo. Isso fica evidente nas falas apresentadas a seguir:

Mais o centro de tudo aqui é a igreja, e o caminho estreito mais que nos conduz a verdade, 80% da comunidade é evangélica, a comunidade é forte por causa dela (Agricultor residente na comunidade, E. C.).

Enquanto tiver vida vai ser aqui que vou morar, por que aqui somos de uma mesma região, somos uma família e além do mais somos da mesma fé (Ex agricultor residente na comunidade, J. M).

A igreja nos representa nesse laço de família e comunidade, temos duas coisas que nos orgulha aqui, a igreja que nos ensina o caminho da paz e a escola que nos ensina como andar aqui nesse mundo (Moradora da comunidade, que nunca trabalhou na agricultura. E. E).

Fica evidente que a relação dos moradores com a igreja forma uma identidade coletiva, dando-lhes predicados ao Lugar de morada, um lugar que aglutina qualidades e significados com base nas experiências dos moradores.

Além da religiosidade, ficou constatado que na Comunidade Cilo Bananal as famílias se conectam através das relações de parentescos e vizinhança, morar na comunidade é morar entre os seus, é morar entre parentes mesmo muitas vezes não tendo nenhuma relação consanguíneo. Woortmann (1995), no seu trabalho sobre colonos do sul e sítiantes do nordeste, percebeu essas relações.

Uniformidade social e territorial fundada em fortes laços de parentesco e vizinhança são as conexões predominantes. O parentesco constitui, então, um contrato; viver em paz significa viver como parentes (WOORTMANN, 1995. p. 30).

Em conformidade com o exposto pela (WOORTMANN, 1995) encontrou-se na comunidade Cilo Bananal as relações parentesco e vizinha como alicerce de segurança e de

paz, pois sempre tem a quem recorrer nas horas difíceis. Os depoimentos dos entrevistados destacam essa situação.

Aqui todo mundo é amigo desde pequeno, todos conhecidos. Todo mundo é parente e amigo. Então não faz sentido sair daqui. (Agricultor residente na comunidade, E. E).

Somos uma família aqui, uma grande família e isso nos dá segurança. Além de quase todos aqui servirem a igreja, então como irmão na fé de sangue e irmãos vizinhos, a gente ajuda um ao outro (Ex agricultor residente na comunidade, J. M).

Existe perrengue entre a gente existe, mais a gente releva, temos o controle, o controle de Deus em nossas mãos, sentimos muito amor uns pelos outros (Moradora da comunidade, que nunca trabalhou na agricultura, E. O).

O desejo de não sair está fortemente ligado às relações de parentesco e vizinhança, tem como apoio o conjunto de relações que constituem a vida social da comunidade.

As amenidades, as relações de parentesco, vizinhança e a religião, foram elementos comuns entre os entrevistados, mais existe constatações específicas relacionadas aos três grupos que formam a comunidade. No caso dos agricultores residentes são: a autonomia alimentar, a vida saudável e a conservação do patrimônio em memória dos pais, foram os principais motivos para permanecerem.

No caso da Autonomia alimentar, os agricultores relataram que sempre plantaram para suprir suas necessidades, vendendo apenas o excedente para comprar o que não produziam. Deixar a comunidade e a agricultura significaria deixar de produzir e se tornar dependente do “mercado”, como mencionam, isso traz medo já que não sabem fazer outra coisa a não ser cuidar da terra. Segundo Woortmann a autonomia alimentar está voltada para as necessidades da família como relata no trecho abaixo.

Não se produz para o mercado, mas para a família, mesmo que parte da produção seja vendida na feira. Se o sítio vende sua produção no mercado, essa produção não é marcada pelo princípio da mercadoria. (...) pelo contrário, é uma negociação entre o que a família precisa. WOORTMANN (1997, p. 182).

Existe uma preocupação muito grande em suprir as necessidades alimentares das famílias, é uma satisfação para o agricultor da comunidade Cilo Bananal precisar de um alimento e ter acesso direto a ele sem precisar comprar, percebe-se nas falas essa satisfação.

O bom mesmo é morar aqui, cuidar das coisinhas da gente, criar um porco, uma galinha, e vim se mantendo com as coisas que a gente tem, por que se a gente for para a cidade a gente vai depender de comprar de tudo. A gente leva para vender lá, se a gente for para lá a gente vai ter que comprar de tudo e a gente não está acostumado com isso, aí a gente vai sofrer um baque (Agricultora residente na comunidade, L. O).

É muito satisfatório você plantar uma roça e colher e dali criar uma galinha, um porco, depois você mata e come, não faço nem muita questão de vender, faço questão é em comer mesmo. Chegar alguém da família, um amigo e comer mesmo (Agricultora residente na comunidade, E. E).

A atividade agrícola da uma autonomia alimentar que como relata Garcia (1983, p. 11) “há uma esfera do consumo doméstico que pode ser abastecida diretamente do roçado para a casa”, esse abastecimento direto é motivo de orgulho para os agricultores da comunidade Cilo Bananal.

Outro ponto expresso pelo grupo como elemento de permanência é a vida saudável que eles levam no campo. A vida saudável está relacionada ao ar puro, sem poluição, proximidade da natureza em oposição aos artificialismos da cidade. Wanderley (1996, p.18) ao tratar dos desafios do mundo rural brasileiro em sua obra afirma que a vida saudável dos Moradores, “esta associada a importância da natureza no seu espaço rural e as formas de vida social nela predominante”. Para as famílias da Cilo Bananal não é diferente e a sensação de bem-estar pode ser observado em coisas simples que se vive na comunidade como frisado nos fragmentos abaixo.

Minha filha só água daqui diz tudo, nada paga um banho saudoso que você dá num igarapé. Aqui é muito bom manhinha, muita saúde aqui, o povo tem muita saúde, a natureza dá saúde. Aqui não tem fofoca e todo mundo amigo, uma família (Agricultora residente na comunidade, D. C).

O clima da roça sempre me fornece mais saúde, então fico aqui até Deus quiser (Agricultora residente na comunidade, E. M).

Ficar na comunidade com objetivo de alcançar uma vida saudável, longe da poluição e com contato direto com a natureza, a qualidade de vida estar relacionada a ter saúde que é adquirida através do ar puro e alimentos saudáveis.

Permanecer na comunidade e no local de produção é visto como preservação da memória dos pais, vender a propriedade ou sair da comunidade é um desrespeito a tudo que os pais construíram durante a vida, porque para os agricultores o amor a terra é passado de pai para filho como relata Rosa (2012, p. 8), “a terra como morada da vida cria vínculos tão fortes que podem ser transmitidos de geração para geração”.

O que faz eu ficar e onrar aquilo que meu pai me ensinou e me deu. (Agricultor residente da comunidade, E. N)

Já quiseram comprar mais ninguém vende não, depois que papai morrer, vamos prosseguir aqui e assim vai ser. O mesmo destino do nosso pai vai ser o nosso, vamos continuar fazendo o que ele gosta, ele criou a gente daqui e aqui e a gente criou os nossos também aqui (Agricultor residente da comunidade, E. O).

Conforme relatos, permanecer está relacionado à sucessão do trabalho e memórias dos pais, a relação com a terra é de um patrimônio que foi trabalhado no curso de uma vida.

Feitosa (2015, p. 4) diz que, “a terra possui um alto valor atribuído, haja vista ser um patrimônio territorial familiar, que passa de geração para geração, sendo o espaço rural envolto de uma relação de respeito”. Esse respeito citado por Feitosa (2015) ao patrimônio em memória dos pais se expressa como um elemento de permanência na comunidade Cilo Bananal.

Notadamente os elementos que levam os agricultores residentes na comunidade a permanecerem, estão relacionados à terra como morada de vida e de trabalho, acesso aos alimentos produzidos e conservação da memória dos antepassados expressa no trabalho e manutenção do patrimônio.

Os ex agricultores residentes, expõem que permanecer morando na comunidade é a segurança, a proximidade da cidade, infraestrutura e serviços prestados.

A segurança aqui relatada não é a da presença do estado com policiamento, até porque ao serem perguntados sobre rondas policiais na comunidade, todos disseram que é inexistente. Mas ao serem perguntados se na comunidade existe violência ou atos criminosos todos responderam que não, nunca existiu. Este fato pode ser notado pela própria conduta religiosa da comunidade, pelo grau de parentesco e/ou conhecidos de infância. Os ex agricultores residentes fazem seus relatos sobre a segurança na comunidade nos fragmentos abaixo.

A cidade e muita zuada, muito carro, muita quentura, aqui não, você deita numa área dessa ai quando o sol esfria e fica tranquilo. Dormi de porta aberta ai, ninguém mexe, não tem ninguém errado de mexer no que é alei (ex agricultor residente na comunidade. E. O).

A cidade para mim não dá, a violência está demais, eu me preocupo pois tenho muito netos e filhos, fico temeroso por **eles**, tem muita coisa que leva o jovem para o mal, no interior fica mais fácil de abtar, então enguanto tiver vida vai ser aqui que vou morar, por que aqui somos de uma mesma religião (ex agricultor residente na comunidade, J. A).

Percebe-se na fala dos ex agricultores residentes que na comunidade não acontece violência ou delitos, as pessoas vivem tranquilas e em paz ao ponto de “dormir de porta aberta”. É importante que quando se fala de segurança os moradores sempre comparam a comunidade com a cidade, sendo a violência da cidade um fator que afasta a possibilidade de saírem de suas áreas para morarem na área urbana, pois a cidade é vista como um espaço violento.

Outro ponto destacado pelos ex agricultores é a infraestrutura e a prestação de serviço na comunidade, todos se dizem satisfeitos e orgulhosos das ruas asfaltadas, da praça com internet e academia, do posto de saúde, do campo de futebol, da escola e igreja. Pelos relatos dos moradores não é necessário se deslocar para a cidade para realizar exames, fazer trabalho da escola e outras demais atividades que podem ser feitas na própria comunidade.

Sobre a importância da infraestrutura e prestação de serviços em comunidades rurais, Carvalho (2005) assinala que.

O primeiro passo para estabilizar a população rural atual é a de garantir à mesma os direitos e serviços básicos para uma existência digna. Isto significa que o estado deve promover programas de habitação, saneamento básico, acesso à água potável, saúde, educação, eletrificação, transportes, comunicação, esportes e lazer acessíveis a todos os rurais. Estes pequenos investimentos terão efeitos econômicos e sociais imediatos, freando o de esvaziamento do campo que se dá, muitas vezes, pela precariedade das condições de vida e pela dificuldade de acesso aos serviços básicos como educação e saúde (CARVALHO,2005, p. 379-380).

Conforme menciona o autor é de suma importância para a fixação do homem no campo a prestação dos serviços básicos e valorização dos espaços das comunidades rurais como forma de se evitar o êxodo rural. Sobre esse ponto os ex agricultores narram que.

Minha comunidade e muito boa, tenho tudo que quero aqui, tem até orelhão na praça (ex-agricultora residente, E. S).

Temos nosso posto, nossa escola, nossa igreja, nossa praça, um lugar muito tranquilo, então isso faz com que a gente fique aqui, porque sabemos que tem lugar que não tem tudo isso e os que tem é difícil". (ex-agricultora residente, D. E).

Aqui a gente tem uma escola de qualidade que todos os netos estudam, transporte escolar que busca e leva, temos um posto de saúde que na hora que precisamos tem um médico para nos atender, quem gosta de brincar de bola tem uma quadra, um igarapé ali em baixo bom de banhar, então aqui nós estamos bem, como é que a gente vai sair daqui para ir para um lugar que talvez nem tenha tudo isso aqui (ex-agricultor residente na comunidade, J. A).

A satisfação com a infraestrutura e prestação de serviços é muito grande entre os moradores da comunidade, motivo esse de ampla relevância como elemento de permanência no seu meio rural.

A proximidade da comunidade às cidades de Altamira/PA e Vitória do Xingu/PA, também é revelado como ponto importante para os ex-agricultores, não porque queiram morar na cidade, mais em situações difíceis a acessibilidade é mais rápida.

A cidade e bem ai, quando eu quero fazer minha feirinha vou lá e faço (ex-agricultor residente, O. N).

Daqui pra cidade é um pulo, vou fazer o que tenho pra fazer e volto para comunidade, então pra que morar na cidade se moro num lugar melhor. Se não tem aqui a gente busca lá é volta, assim fica todo mundo feliz, a cidade fica feliz por que não vou morar lá e eu fico feliz morando no lugar que cresci (ex-agricultor residente na comunidade, N. A).

Segundo os entrevistados, morar perto da cidade é um elemento importante na medida que não precisam fazer longos percursos quando se quer resolver algo na cidade. Morar perto da cidade não significa como eles dizem "querer morar lá", mais sim fazer uso dos seus serviços com mais agilidade e retornarem para seu lugar de morada e vida.

Os elementos mais citados como fator de permanência nos ex-agricultores residentes estão relacionados à comunidade como lugar de morada, onde podem usufruir de segurança, moram perto da cidade é um nível auto de satisfação com os serviços prestados. O vínculo com a terra como lugar de trabalho na produção da agricultura quase não foi mencionado.

Referente aos moradores da comunidade que nunca trabalharam na agricultura, foi verificado que o permanecer é justificado por causa do apego ao lugar, por terem nascido nela e porque trabalham na própria comunidade (*local do trabalho*).

O apego ao lugar expresso como elemento de permanência devido a própria naturalidade de ter nascido e crescido na comunidade é muito forte entre os moradores que nunca trabalharam na agricultura, observa-se na fala da moradora.

É uma comunidade que tenho raiz aqui onde desde criança aprendi a amar, não vejo outro lugar pra morar melhor que aqui (Moradora da comunidade, R. O).

Cresci aqui, foi aqui que aprendi a ser gente, foi aqui que conheci a minha fé, então quero que meus filhos também cresçam aqui (Moradora da comunidade, A. L).

Sobre o apego ao lugar Oliveira (2014) destaca.

Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais ítimo. Para os indivíduos, lugar significa seus lares, suas residências, seus lugares de trabalho, de lazer, enfim de todas as suas ações (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

Como menciona a autora, o lugar adquire significado quando está envolto pelas experiências individuais ou coletivas formando enredos de sentidos e vivências expressas no lugar, lugar esse da infância relatada pelos moradores.

Outro ponto citado pelos moradores que não trabalharam na agricultura é que a comunidade além de ser seu local de morada, também é o local do trabalho.

Permaneço aqui porque aqui fica bem pertinho do meu serviço, tem o posto de saúde ali que trabalho (Morador da comunidade. R).

Aqui moro e trabalho, sou vigia na praça e a minha mulher servente da escola, e só atravessar a rua que a gente já tá no trabalho, isso é muito bom (Morador da comunidade, O. P).

Os elementos de permanência mencionados pelos moradores que nunca tiveram relação com a agricultura, também estão relacionados ao lugar de morada, próximo do relato Relph (2014, p. 19), “[...] lugar é o fenômeno das experiências”. São essas experiências com seus lugares de vida que os fazem permanecer.

Considerações finais

As informações levantadas na pesquisa apontaram elementos importantes de permanência dos moradores na comunidade Cilo Bananal em vitória do Xingu/PA. O estudo na comunidade foi realizado reconhecendo a formação socioespacial da comunidade Cilo Bananal, percebendo que a mesma tem sua reprodução pautada na vivência comunal com base principalmente nas relações de parentescos e as estabelecidas em função da religiosidade.

A comunidade inicialmente possuía como principal atividade produção agrícola, hoje, já não se verifica mais essa realidade, no entanto não se percebe o êxodo rural. Mesmo não estando mais na agricultura ou nunca ter trabalhado na mesma os moradores continuam na comunidade por considerar que possibilita o bem-estar, conseqüentemente maior qualidade de vida.

A escolha pela permanência advém como resposta a vários fatores que interagem entre si e levam a um sentimento de satisfação individual e coletiva. Esse sentimento vai desde a formação da comunidade, seus espaços físicos, apego com o lugar, relação de parentesco e vizinhança, amenidades, autonomia alimentar, vida saudável, religiosidade, respeito a memória dos antepassados na conservação do patrimônio, acessibilidade aos centros urbanos próximos, segurança e empregabilidade dentro da própria comunidade.

Foi evidenciado que a Comunidade estudada tem sua identidade entrelaçada com a construção do seu lugar como relata Carvalho (2005), “em verdade tem-se a construção de identidades específicas junto com a construção de territórios específico” ou seja ser da comunidade Cilo bananal e ter origens nordestinas, ser evangélicos e morar num lugar tranquilo entre parentes e amigos, as características do lugar estão emaranhadas com as dos indivíduos residentes nela.

No decorrer da pesquisa ficou registrado os sentimentos topofílicos dos moradores em relação ao seu lugar de morada, Tuan (1980, p. 107) diz que “são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Portanto, permanecer na comunidade, está ligado aos vínculos afetivos constituídos com o lugar ao longo do tempo. Dessa forma, verificou-se que os vários elementos causadores de satisfação mencionados, culminam para a permanência dos três grupos diagnosticados na comunidade, apesar de algumas especificidades entre eles, os mesmos se propõem compor a totalidade da comunidade Cilo Bananal.

Referência

ALVES, Ketiane dos Santos; DA MOTA, Dalva Maria da Maria. Organização do trabalho familiar do espaço rural paraense: novos arranjos na organização do trabalho e na gestão das unidades de produção. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, v. 9, n. 2, p. 191-215, 2012.

BECKER, BERTHA K. Modelos e cenários para a Amazônia: papel da ciência. Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários? **Parcerias estratégicas** - número 12 - setembro 2001, p. 135-159.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. *RURIS-Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP*, v. 1, n. 1, 2007.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHISTOFOLETI, A. **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1985.

CORREIA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da geografia in CASTRO Iná Elia de & GOMES, Paulo César da Costa & CORREIA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 1995b.

Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, **Caderno de desenvolvimento**. Rio de Janeiro, maio de 2011, ano 6, nº. 8. Disponível em: www.centrocelsofurtado.org.br/vocacaonordeste/index2.php, acessado em: 3 maio de 2016.

CARVALHO, Horácio Martins de. **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionamentos do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CHAVEIRO, Egmar Felício. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MANDAROLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 249-279, 2014.

GARCIA JR, Alfrânio Raul. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores. Paz e Terra**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e humanidade**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1996. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 19, n. 2, p. 169-173.

HERRERA, José Antônio et al. Desenvolvimento capitalista e realidade da produção agropecuária familiar na Amazônia Paraense. 365 f. tese (doutorado) – Unicamp/IE, Campinas, SP, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Disponível em: [www.abant.org.br/...trabalho/trabalhos/.../maria%20de%20assuncao%20lima%20de%](http://www.abant.org.br/...trabalho/trabalhos/.../maria%20de%20assuncao%20lima%20de%20). Acesso em: 8 de Junho de 2016.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1958. *_. A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): p. 239-262, jul/set, 1993. Disponível no site: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02>. Acesso em: Abril de 2016.

NAVES, Laila; MENDES, Estevane de Paula Pontes. AGRICULTURA FAMILIAR E IDENTIDADE TERRITORIAL: a comunidade rural Olhos D'água no município de Catalão (GO). Coletânea Interdisciplinar em Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação-: Estudos Ambientais, Território e Movimentos Sociais, v. 1, p. 257, 2015.

PONTE, Karina Furini da. (Re) Pensando o Conceito do Rural. **Revista Nera** - ano 7, n. 4 – janeiro/julho de 2004. p. 20-28.

RELPH, Ted. **Humanism, phenomenology, end geography**. Annals of the association of american geographers. New York, v.67, 1977. p. 177-179.

ROSA, Wagner José da. O campesinato como modo de vida. Revista Trilhas da História, v. 1, n. 2, p. 98-107, 2012.

DOS SANTOS, Jucélia Bispo. Etnicidade e religiosidade da comunidade quilombola de Olaria, em Irará (BA). Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES). ISSN 1981-156X, n. 13, 2009.

SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo, 2014.

TUAN, Yi-Fu. Place: An experiential perspective. **The Geographical Review**. Vol. 65, No. 2. abril, p. 151-165. 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. p. 129.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. **XX encontro anual da ANPOCS**. GT 17: processos sociais agrários. Caxambu, MG. OUTUBRO 1996. Disponível em http://agriculturasamazonicas.ufpa.br/PDF'S/AA_selecao/2011/Wanderley %20, 1996, pdf. Acessado em junho de 2016.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros ,parentes e compadres**. Colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: Editora universidade de Brasília, 1995.

Sobre os autores

José Antônio Herrera – Graduação em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Mestrado em Agriculturas Amazônicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Doutorado em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Docente na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Altamira, Pará, Brasil.

Fernanda Oliveira Santos – Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará.

Maria Madalena de Aguiar Cavalcante – Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia; Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia; Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná; Docente na Universidade Federal de Rondônia.

Como citar este artigo

HERRERA, José Antônio; SANTOS, Fernanda Oliveira; CAVALCANTE, Maria Madalena de Aguiar. Permanência na Comunidade Cilo Bananal em Vitória do Xingu, Pará: um estudo a partir do lugar. **Revista NERA**, ano 21, n. 42, p.282-308, Dossiê, 2018.

Declaração de contribuição individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos autores.

Recebido para publicação em 17 de outubro de 2017
Devolvido para a revisão em 03 de novembro de 2017
Aceito para a publicação em 10 de janeiro de 2018
